

Departamento de Sociologia

Educação e Islamismo
A Aprendizagem da Religião Muçulmana em Contexto Familiar

Ana Lúcia Mestre de Châtillon

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação e Sociedade

Orientadora:
Doutora Sandra Mateus, Professora Auxiliar Convidada
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

outubro de 2018

Departamento de Sociologia

Educação e Islamismo
A Aprendizagem da Religião Muçulmana em Contexto Familiar

Ana Lúcia Mestre de Châtillon

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação e Sociedade

Orientadora:
Doutora Sandra Mateus, Professora Auxiliar Convidada
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

outubro de 2018

**Educação e Islamismo - A Aprendizagem da Religião
Muçulmana em Contexto Familiar**

Ana Lúcia Châtillon

outubro,
2018

outubro, 2018 Educação e Islamismo – A aprendizagem da Religião Muçulmana em Contexto Familiar
Ana Lúcia Châtillon

RESUMO

Enquadrada no Mestrado em Educação e Sociedade esta investigação atenta na transmissão, em contexto familiar, da religião muçulmana. Visando uma abordagem multidimensional exploraram-se os conceitos de família, etnicidade, religião, particularmente o Islamismo e ainda o conceito de famílias migrantes, neste caso, nacionais do Paquistão. Colocou-se como questão de partida: Como é que a religião muçulmana é transmitida em contexto familiar por famílias nacionais do Paquistão, residentes em Lisboa? Na sequência da questão proposta avançou-se como hipótese que as famílias muçulmanas ensinam a sua religião através das práticas adotadas e de contextos e atividades familiares específicas. Foram realizadas 18 entrevistas num total de 6 famílias nacionais do Paquistão, residentes em Lisboa e pertencentes a uma mesma comunidade islâmica. O objetivo foi caracterizar as famílias muçulmanas oriundas do Paquistão, residentes em Lisboa, as suas práticas e como é que estas contribuem para a promoção da sua religião. Procurou-se relacionar a pertença étnica, as condições socioeconómicas e a condição de migrantes com a transmissão da religião muçulmana. Concluiu-se que a sua pertença étnica, as rotinas familiares e a constante prática religiosa fomentam nos jovens um sentimento de pertença e de identidade que traduzem o sucesso da transmissão da sua religião.

Palavras-Chave: Família, Islamismo, Estratégias Educativas das Famílias, Transmissão da Religião

ABSTRACT

In the scope of the Master's degree in Education and Society, this dissertation is about the transmission of the Muslim religion in a family context. Aiming a multidimensional approach, were explored the concepts of family, ethnicity, religion, particularly Islam, and the concept of migrant families, in this case Pakistani nationals. As a matter of research was questioned: How is the Muslim religion transmitted in a family context by Pakistani national families living in Lisbon? Following the proposed question, it was hypothesized that Muslim families teach their religion through the practices adopted and specific family contexts and activities. A total of 18 interviews were conducted in a total of 6 families from Pakistan, living in Lisbon and belonging to the same Islamic community. The aim was to characterize the Muslim families from Pakistan living in Lisbon, their practices and how this contributes for the promotion of their religion. Were sought to relate ethnic affiliation, socioeconomic conditions and the status of migrants with the transmission of the Muslim religion. It was concluded that their ethnic belonging, family routines and constant religious practice promotes in the young people a sense of belonging and identity that reflect the success of the transmission of their religion.

Keywords: Family, Islamism, Family Educational Strategies, Transmission of Religion

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, impera destacar quão determinantes foram existências passadas de tantos que forjaram o mundo como o conhecemos e no qual eu tomo parte; é impossível não ser grata a um sem número de personalidades, inventores, descobridores, investigadores, pensadores e tantos outros que dedicaram as suas vidas a percursos que tornaram o mundo um lugar melhor.

Do mesmo modo, agradeço a todos os que de alguma forma tiveram influência no meu percurso e na pessoa que hoje sou.

À comunidade ISCTE-IUL, que me aceitou e apoiou num percurso enriquecedor e inesquecível. Lembro-me com carinho e saudosismo do meu primeiro dia de aulas no ISCTE.

Aos professores, que fascinados pela arte de ensinar e de partilhar conhecimento, souberam conduzir o percurso sendo brilhantes facilitadores de aprendizagem, instigadores de pesquisas individuais, impulsionadores da busca por conhecimento fundamentado e que alimentaram o meu sonho de chegar aqui.

À minha orientadora, que traz no sorriso a candura da esperança num mundo equitativo onde não haja discriminação entre estes e os outros, os daqui e os de lá, mas sim compreensão, aprendizagem, partilha e admiração por vivências, experiências e culturas diferentes. À minha orientadora que traz no olhar a força da imparcialidade que não deixa que a sua candura se traduza em ingenuidade. À minha orientadora pela paciência, pela disponibilidade, pela partilha da sua história e de pedaços de si, que me ajudaram a arrumar ideias e a alargar horizontes.

A todos os entrevistados que se prontificaram em participar e promoveram a participação de outros.

A uma comunidade islâmica que me acolheu e me fez sentir como uma filha, que me acarinhou e alimentou, mas acima de tudo, que tornou este trabalho possível e exequível.

Aos académicos.

Aos meus pais, por tudo...

Ao meu avô sempre, como sempre e para sempre.

Para que ninguém fique “estrangeiro”.

ÍNDICE

ÍNDICE.....	v
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. Família.....	3
1.1. Conceito.....	3
1.2. A casa – o espaço doméstico.....	5
1.3. Estratégias educativas das famílias.....	5
2. Etnicidade.....	6
3. Religião	7
3.1. Conceito e importância.....	8
3.2. Transmissão da religião.....	8
3.3. Islamismo	9
4. Famílias Muçulmanas em Portugal.....	10
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	12
1. Procedimentos Metodológicos.....	12
2. Caracterização dos Participantes	15
CAPÍTULO 3 – DISCUSSÃO DE RESULTADOS	16
3. Impressões da observação.....	16
4. Análise das entrevistas aos pais.....	16
5. Análise das entrevistas aos filhos.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
BIBLIOGRAFIA.....	31
FONTES	33
ANEXO A – CARATERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS	i
ANEXO B - GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PAIS.....	iv
ANEXO C - GUIÃO DE ENTREVISTA AOS JOVENS	vi

INTRODUÇÃO

“E quando cem academias escrevem para inspirar a doçura dos costumes! Até parece que o fanatismo, indignado com os progressos recentes da razão, se debate com uma raiva redobrada.”

(Voltaire, Tratado Sobre a Tolerância, 2015:13)

A missão do trabalho científico é dar a conhecer a realidade, desmistificando ideias erróneas do senso comum, apresentando um “dispositivo para a elucidação do real” (Quivy, 2013:15).

Assim se apresenta o propósito deste trabalho de investigação. Quer-se com esta dissertação promover a elucidação de uma realidade, tentando desmistificar ideias do senso-comum e apresentando factos que concorram para um esclarecimento e uma abertura para o desconhecido.

Nos dias que correm tem-se assistido à emergência de dois temas na esfera da discussão em sociedade. Uma das temáticas discutidas é a educação familiar, como é que cada família educa as suas crianças e que estratégias usa; profissionais de diversas áreas discutem o que é certo e o que é errado e avançam até conselhos.

A outra temática que tem figurado nas discussões diárias centra-se no Islamismo; no entanto, aborda-se o Islamismo severamente conotado a práticas terroristas, focando uma minoria radicalizada (e não as há em tantas outras religiões?!), tomando o todo pela parte, ignorando uma imensa maioria de brandos costumes que defende a paz, a harmonia e o respeito por outras crenças e costumes.

Assim, esta dissertação de mestrado surge no âmbito desta conjuntura, com o propósito de caracterizar as famílias islâmicas residentes em Lisboa, identificar os valores que desejam transmitir, conhecer a sua conceção e a importância que atribuem à sua religião, descrever a sua rotina diária, identificando as práticas que promovem a sua religiosidade, compreender de que modo as vivências familiares, a rotina e os hábitos da casa se relacionam com a pertença ao Islamismo, identificar os obstáculos à aprendizagem da religião e conhecer como as famílias perspetivam o futuro dos seus jovens.

Para atingir os objetivos enunciados, foram realizadas entrevistas aos pais e filhos de famílias muçulmanas, nacionais do Paquistão, residentes em Lisboa.

A questão de partida da presente investigação é: *Como é que a religião muçulmana é transmitida em contexto familiar por famílias nacionais do Paquistão, residentes em Lisboa?*

A apresentação desta investigação é feita através desta dissertação, dividida em três capítulos. No Capítulo 1 é apresentado o enquadramento teórico da problemática e são abordados os conceitos chave relacionados com a abordagem escolhida para a mesma (família, etnicidade, religião e famílias muçulmanas em Portugal). No Capítulo 2 é exposta a metodologia da investigação e as opções metodológicas tomadas. No Capítulo 3 analisam-se

as entrevistas e discutem-se os resultados da investigação proposta. Por fim são tecidas as considerações finais e são apresentadas as conclusões alcançadas com este trabalho.

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo serão abordados quatro temas que se julgam imprescindíveis para abordar a problemática em questão. Parte-se do princípio que para perceber como é que a religião muçulmana é transmitida em contexto familiar, se devem inicialmente abordar os conceitos de família, etnicidade, religião e famílias muçulmanas em Portugal; para que se possa por fim refletir e tecer as devidas considerações, relativamente aos dados obtidos.

1. Família

“A família é o elemento natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção (...)”
Declaração Universal dos Direitos do Homem,
Art.º 16, al. 3, 1948

1.1. Conceito

A família é o contexto social primário em que participamos, é no seio familiar que se inicia o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos. É em contexto familiar que se dão as primeiras aprendizagens e se forja o carácter individual, adotando valores e normas de conduta que permitam a convivência entre os seus membros.

A importância da família para o bem-estar psicossocioeconómico dos indivíduos é tal, que os direitos de constituição e de proteção da mesma surgem contemplados não só na Constituição da República Portuguesa (art.ºs. 36º e 67º), mas também na Declaração Universal dos Direitos do Homem (art.º. 16º).

A família moderna, com os traços que lhe reconhecemos hoje, surge como consequência de três grandes mudanças, as relações familiares ganharam um maior carácter sentimental, deu-se também o seu fechamento e uma conseqüente nuclearização da mesma e ainda se observa uma considerável desvalorização do património familiar e da herança.

Com a industrialização, nas palavras de Amaro (2014:49) “a família fica mais centrada em si própria, o indivíduo adquire maior importância face à comunidade e o apoio emocional aos seus membros passa a ser uma das principais funções da família”.

Com as diversas alterações sofridas na sociedade, e conseqüentemente na produção científica elaborada a respeito, o conceito de família foi redefinido por vários autores. Giddens (2004:175) tece uma conceção alargada do conceito de família, considera-a como um grupo de pessoas com relações de parentesco, em que os adultos têm a responsabilidade de cuidar das crianças. Guerreiro, (2011:11) além das relações de parentesco, dos cuidados prestados às crianças e do assegurar da sua socialização primária, considera ainda relações de afinidade e pressupõe a coabitação e o apoio recíproco.

Por sua vez, o Instituto Nacional de Estatística (INE)¹ é mais específico e avança uma definição de *família clássica* como sendo o “conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento. Considera-se também como família clássica qualquer pessoa independente que ocupe uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento.

São incluídos na família clássica o(a)s empregados domésticos internos, desde que não se desloquem todas ou quase todas as semanas à residência da respetiva família.”.

Na conceção de Costa (1992:84) “a família é um dos quadros sociais onde, de forma mais intensa e contínua, se partilham recursos e experiências, se formam disposições e projectos, se desenvolvem práticas quotidianas e estratégias de vida”. Esta é a definição que nos parece mais apropriada para o quadro teórico que pretendemos traçar. Consideremos então a família como um grupo social, coabitante, onde contínua e intensamente se partilham as vivências diárias, os recursos, os sentimentos, se desenvolvem formas de ler o mundo e agir e reagir sobre este.

Destaque-se ainda que apesar de todas as mudanças ocorridas, e das diversas conceções, a família continua, como desde sempre, responsável pela socialização das crianças, tal como destacado por Seabra (1999:18).

Quer a conceção de família que adotámos quer as avançadas por outros autores, pressupõem um aspeto fulcral e implícito: as posições e os papéis sociais que determinam as funções e interações entre os membros da mesma. Quando olhamos para um qualquer grupo de pessoas reconhecemos relações entre os seus membros, sejam elas de liderança, luta pelo poder, manipulação, etc. Em todos os contextos humanos existem papéis sociais desempenhados quer consciente quer inconscientemente. A família não é exceção, também dentro deste grupo social existem relações que traduzem hierarquias e papéis sociais.

Como salienta Amaro (2014:104), “aos papéis desempenhados por cada um corresponde um determinado *status*, que traduz a posição que o indivíduo ocupa pelo facto de desempenhar um conjunto de papéis”. Assim, reconhecemos, por exemplo, às mães um determinado status, que lhes confere uma determinada posição hierárquica na família decorrente das funções que elas desempenham; o mesmo acontece com os pais, filhos, avós e etc.

Estes papéis familiares que se organizam hierarquicamente e que pressupõe o desempenhar de tarefas específicas para cada membro, configuram o que Bastos & Bastos (2008:137) identificam como dinâmicas familiares, isto é, a forma específica como a dualidade de género convive e como se relacionam diferentes gerações.

¹ <http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/1123#Rela%C3%A7%C3%B5es> (consultado a 04/02/2018)

Apesar da conceptualização avançada não podemos ignorar que a família, como grupo social que é, configura uma unidade complexa e dinâmica que intervém na sua própria reestruturação e que por isso está em constante evolução (Saraceno, 1997).

1.2. A casa – o espaço doméstico

Como exposto anteriormente, consideramos neste trabalho a coabitação como um aspeto fundamental para a nossa abordagem relativamente ao conceito de família. A casa, o espaço doméstico, assume assim um lugar fulcral na abordagem às dinâmicas familiares, já que é o palco privilegiado onde tudo acontece.

É no espaço doméstico que se constroem os laços afetivos entre os membros da família, pais e filhos, entre gerações, é neste espaço que se estabelecem as relações materiais e simbólicas, mas também os hábitos, as práticas domésticas, aspetos que conferem identidade a este espaço (Leandro, 2001:229, 230) e o tornam tão específico de uma família mas ao mesmo tempo tão característico de todas as famílias.

A casa, mais do que a sua dimensão material, enquanto edifício ou construção, é o espaço que acolhe e protege a família, funciona como um ninho, permitindo aos seus membros reconhecerem-se nele e sentirem-se confortáveis e protegidos; mas também é o espaço onde se definem as funções de cada um, a hierarquia e as normas a respeitar, é onde são transmitidos e partilhados os valores e as regras (Leandro, 2001:231).

Cada membro da família ocupa e apropria-se do espaço doméstico de uma forma específica, cada espaço com maior ou menor grau ou intensidade, pelo que, o plano de ocupação da casa é reflexo da estrutura da família, da família como um todo e até das posições hierárquicas de cada um dentro da família (Leandro, 2001:233).

1.3. Estratégias educativas das famílias

Se a família é a principal instituição responsável pela socialização das crianças, é indispensável que nos detenhamos a refletir sobre as formas que adota na prossecução de tal tarefa.

Amaro (2014:92) define a socialização como “o processo que permite ao indivíduo adquirir o conhecimento e as capacidades, bem como a predisposição interna para as realizar, a fim de desempenhar os papéis sociais que a sociedade espera dele”.

Neste constante processo de socialização, cada família tem (em cada momento) um estilo educativo característico, ponderando finalidades e objetivos, aos quais são associados métodos pedagógicos, que vão ao encontro das expectativas de futuro que os pais têm sobre as crianças (Almeida e Vieira 2006:121).

Na educação das suas crianças, as famílias utilizam diferentes estratégias por forma a controlar, filtrar e mediar “a influência de outros agentes de socialização” (Seabra, 1999:37).

Seabra (1999:37), no seu estudo, encontra famílias que utilizam estratégias educativas corroborantes com as anteriormente avançadas por Kellerhals e Montandon: a estratégia contratualista e a estratégia estatutária.

A diferenciação de estratégias prende-se essencialmente com a classe social a que a família pertence, e com o nível de habilitações escolares dos progenitores, isto é, os membros da família possuem diferentes valores e diferentes normas de acordo com as suas condições de vida específicas. Estes valores e normas vão ganhar expressão na socialização dos seus filhos (Seabra, 1999:37).

A estratégia contratualista é característica de grupos sociais mais favorecidos, ou classes sociais mais altas, em que pelo menos um dos cônjuges concluiu no mínimo um curso médio (Seabra, 1999:37). Estas famílias preocupam-se em estabelecer uma boa relação com as crianças, valorizando-as e incentivando-as. Estabelecem uma relação assente em princípios de confiança e empatia, com vista a um pleno desenvolvimento das suas potencialidades, incentivando a sua sensibilidade, o diálogo e a argumentação, coordenando e participando ativamente com outros agentes e instituições de socialização (Seabra, 1999).

A estratégia estatutária é utilizada por famílias menos favorecidas, ou de classes sociais médias e baixas, com habilitações escolares não superiores ao 11º ano. As famílias que recorrem a esta estratégia, têm como objetivo a disciplina das crianças. São autoritárias, rígidas e severas, desejam que as crianças se acomodem às normas sociais e não se rebellem, que não se desviem para comportamentos marginais, atribuem a outros agentes e a outras instituições socializadoras papéis restritos e por isso participam de forma distanciada (Seabra, 1999).

As estratégias de educação utilizadas pelas famílias, são determinantes na socialização primária das crianças e condicionam a socialização secundária das mesmas que ocorre noutros contextos, com outros agentes e noutras instituições.

2. Etnicidade

Além do efeito da classe social na estratégia familiar adotada, também a etnicidade desempenha um papel estruturante (Seabra, 1999).

O conceito de etnicidade remete para configurações de identidade assentes em “realidades sociais como religião, a língua e a origem nacional” (Seabra, 1999:11).

Consideremos a etnicidade como “uma forma de identidade social” que tanto pode ser coletiva quanto individual (Mateus, 2014:21,22), e que tanto pode ser auto como hetero atribuída. Ou seja, a pertença étnica pode ser considerada quando nos referimos a apenas

um indivíduo ou a todo um grupo de pessoas, mas pode também ser reivindicada pelos próprios ou atribuída categoricamente por outras pessoas (Seabra, 1999:15).

Deste modo, é perceptível que este conceito só se coloca na dialética de diferentes dimensões e contextos. A identidade social e a pertença étnica, só têm sentido na relação por oposição e na diferenciação de dois elementos ou grupos.

A pertença étnica não é uma característica estável e imutável, é uma característica provisória que pode ser, redefinida, abandonada e/ ou adotada (Seabra, 1999:15).

Dado que a etnicidade é uma forma de identidade essencialmente utilizada por diferenciação a um outro, frequentemente é salientada nas sociedades ditas *de acolhimento* das minorias. Esta diferenciação provoca, não raras vezes, uma *clivagem social* geradora de *fronteiras intraclassistas* que afetam quer as práticas quer representações dos indivíduos (Seabra, 1999:14).

Assim, também a pertença étnica se relaciona com as estratégias familiares, não só pelos valores e normas adotados, mas também pela posição que ocupa dentro do sistema de classes.

Os relacionamentos e laços que se desenvolvem na comunidade com vista ao desenvolvimento espiritual da criança, promovem um maior sentimento de pertença de todos os membros envolvidos (Allana, Tennant & Petrucka, 2017:249), contribuindo para a diferenciação étnica por inclusão num grupo e por diferenciação de um outro – processos de identificação e identização (Mateus, 2014:17).

Estas redes formadas por membros de gerações diferentes com as mesmas convicções, formam comunidades com uma identidade coletiva, que funcionam como uma família alargada, que se apoia mutuamente (Allana *et al.*, 2017:253).

Face ao exposto, a condição de imigrante, relega os indivíduos nacionais de outro país ou com uma diferente pertença étnica para grupos sociais marginais, aproximando-os dos estratos sociais mais baixos, ainda que no seu país de origem pudessem ocupar outros estratos mais elevados.

3. Religião

“Não existe sociedade, ainda que secular, em que a religião não seja uma componente estrutural e culturalmente importante da vida.”

(Donald Gunn MacRae em Hill vii)

Uma vez que continua a pautar o comportamento de inúmeros indivíduos, grupos e sociedades, a religião continua, nos dias que correm, a ser uma temática a considerar pelas abordagens sociológicas e antropológicas.

Impera que nesta temática se faça a mesma distinção utilizada por Hill (1987:16,17): se a religião for considerada enquanto fator autónomo e auto-regulador da experiência e da atividade humana, que está acima das influências do ambiente social, então esta não fornecerá material plausível de utilizar pelas técnicas empíricas da sociologia; por outro lado, a suposição de que é necessário *reduzir* a religião aos seus componentes reais, que podem ser vistos inteiramente no ambiente económico e social dos seus devotos, significa que a sociologia tem necessariamente um papel ativo na análise crítica da religião.

3.1. Conceito e importância

Consideremos a religião como “um conjunto de crenças, princípios morais e rituais de carácter sagrado, que ligam os seres humanos ao sobrenatural. Esta ligação ao sagrado pressupõe um sentido de transcendência, de fé, de aceitação dos princípios, os quais são mantidos e ensinados através das respetivas estruturas terrenas desenvolvidas por cada religião” (Amaro, 2014:179).

A obra de Hill (1987) já colocava a religião como aspeto central das sociedades, Amaro (2014:180) vem confirmar que “as religiões continuam a exercer uma grande influência sobre os indivíduos e o modo como se desenvolve a vida familiar”.

Ressalve-se que nem sempre e nem todas as normas propostas pela religião são seguidas pelos seus fiéis.

Allana *et al.* (2017:240) referem que alguns educadores defendem que as necessidades de uma criança só estão satisfeitas se o aspeto espiritual for considerado, o que contribuirá para o desenvolvimento de um indivíduo equilibrado.

3.2. Transmissão da religião

A religião é uma instituição frágil que depende essencialmente da transmissão dos seus aspetos elementares, sob pena de ela própria morrer (Kühle, 2012:113), de se perder no tempo, de ficar esquecida por não ser transmitida de geração em geração.

Grande parte das aprendizagens consagradas em tenra idade, são aprendizagens por mimetismo; as crianças aprendem e apreendem comportamentos e atitudes por mimetismo. Deste modo, torna-se evidente que, na aprendizagem da religião (como de tantos outros aspetos da vida social), as crianças e jovens vão beber informação aos modelos que encontram quer na família, quer na comunidade.

Para as crianças, os pais, e em alguns casos os avós, a família nuclear, são os intérpretes da ideologia religiosa, são as suas crenças e práticas que funcionarão como âncoras cognitivas para a aprendizagem daquelas normas e costumes (Allana *et al.* 2017:240).

Bengtson (2013), destaca, que apesar da envolvimento da comunidade e da família alargada, o papel dos pais enquanto modelo e intérpretes da descodificação do mundo religioso, é decisivo.

As crianças são encorajadas a aprender, a venerar, a adorar, a participar nos rituais religiosos e a assistir às cerimónias com a sua família (Allana *et al.*, 2017:240).

Estudos mostram que apesar do interesse dos pais, em transmitir a sua religião às crianças, estes sentem-se constantemente desafiados pela falta de tempo, pelas múltiplas prioridades que têm que considerar, e ainda pela secularização (Allana *et al.*, 2017:239, 241, 248). Allana *et al.* (2017:241) destaca ainda, como desafio, a falta de comunicação sobre religião enquanto componente ativa da vida.

Nos estudos sobre a transmissão da religião às crianças, destaca-se ainda a importância decisiva do envolvimento dos avós nas atividades educativas religiosas, já que estes prestam um grande suporte aos pais (Allana *et al.*, 2017:239, 250).

3.3. Islamismo

Sem fazer comparações, mas estabelecendo o paralelismo possível com o Cristianismo (religião predominante em Portugal), para que se possa tecer uma ideia geral desta religião, o Islamismo:

- crê em Alá, o Deus de Israel, o mesmo Deus de Abraão, de Moisés e de Jesus (portanto, Islamismo, Cristianismo e Judaísmo crêem no mesmo Deus),
- é uma religião monoteísta tal como as anteriormente referidas (crença num único Deus),
- tem em Maomé um profeta (que se seguiu a Jesus), tem transcritas no Corão (equivalente à Bíblia Cristã) as palavras, revelações e ensinamentos transmitidos pelo Anjo Gabriel a Maomé.
- tal como Jesus, Maomé também iniciou uma jornada de pregação, foi perseguido e obrigado a refugiar-se com os seus seguidores em Medina (corria o ano 622), a esta fuga chama-se Hégira,
- por oposição, enquanto no Cristianismo Jesus é venerado e adorado pelos seus sacrifícios, o Islamismo tem em Maomé apenas o Profeta, um mensageiro de Deus, e repudia a veneração do mesmo,
- o calendário islâmico iniciou a sua contagem (ano 0) em 622 aquando da Hégira e rege-se pela lua –cada dia inicia-se ao pôr-do-sol e cada mês começa com o crescente lunar, tem 12 meses de 29 ou 30 dias e o ano tem 354 ou 355 dias,
- neste momento o ano islâmico é 1440, a notação utilizada é AH 1440 (sendo AH Anno Hegirae),

- o dia santificado no calendário islâmico é a sexta-feira,
- o Ramadão é o nono mês do calendário islâmico,
- a Religião está dividida entre sunitas e xiitas (85 a 88% sunitas e 12 a 15% xiitas)

Diz-nos Amaro (2014:185) que também para os muçulmanos, a família é a *célula base da sociedade*.

No Islão, existem cinco orações diárias obrigatórias e rituais inerentes que configuram experiências espirituais e promovem uma consciência espiritual (Allana et al 2017:242).

4. Famílias Muçulmanas em Portugal

Estima-se que na Europa vivam cerca de 38 milhões de muçulmanos, dos quais 60 000 vivem em Portugal (Pinto, 2015:287). Os números do Observatório da Emigração (Pires, Pereira, Azevedo e Ribeiro, 2014:25) mostram-nos que o Bangladesh e o Paquistão (países de maioria muçulmana) ocupam respetivamente a sexta e a sétima posição dos países de origem do total de emigrantes mundiais; estes dois países em conjunto têm mais de 10 milhões de emigrantes em todo o mundo.

Os anuais Relatórios de Imigração, Fronteiras e Asilo (RIFA) elaborados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) permitem-nos observar o crescente número de residentes de nacionalidade estrangeira em Portugal. Atendamos ao crescimento do número de nacionais do Paquistão residentes em Portugal.

População nacional do Paquistão residente em Portugal			
Anos	Total	Homens	Mulheres
2017	3380	2299	1081
2016	3175	2133	1042
2015	3042	2058	984
2010	2604	1908	696
2000	960	587	373

Quadro 1 População nacional do Paquistão residente em Portugal (Fonte: SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras)

Pela análise dos valores apresentados no Quadro 1, podemos observar o crescimento da população oriunda do Paquistão a residir em Portugal: nos primeiros 10 anos o número duplicou e em 17 anos o número quase quadruplicou.

Os imigrantes muçulmanos são, em geral, bem aceites pela população portuguesa, uma vez que não são associados a índices de criminalidade e repudiam todos os tipos de fundamentalismo, têm um comportamento considerado pacífico na esfera pública, são vistos

como pessoas trabalhadoras que respeitam as leis e os valores da sociedade portuguesa (Bastos & Bastos, 2008:155).

Os muçulmanos (no estudo de Bastos & Bastos, 2008:147) dissociam a sua religião de todos os atos de violência e opressão das mulheres, na sua conceção causados pelo contexto social alargado; atribuem os excessos em nome da religião a alguns homens e apelam a uma religião universal.

Relativamente ao uso do véu islâmico, *hijab*, Bastos & Bastos (2008:148, 149) referem que em Portugal as mulheres não o utilizam por não sentirem necessidade de expressar a sua fé, possuindo uma relação mais íntima e resguardada com a sua religião.

Bastos & Bastos (2008:138) atribuem às famílias portuguesas islâmicas uma dinâmica familiar padrão assente numa dinâmica cultural ambígua, uma vez que as linguagens de género e a religião sugerem dois aspetos simultâneos:

- Homens não violentos, naturalmente dominantes dentro da comunidade e na família, com aparente submissão às esposas e às mulheres jovens;
- Grande ênfase na centralidade do papel de poder das mães, enquanto figura sagrada e de forte religiosidade, estatuto respeitado pelas crianças, pelos casais jovens, pelos maridos e por grande parte dos homens crentes.

Os muçulmanos referem existir equidade entre homens e mulheres, e que os pais fazem o mesmo investimento educacional tanto para rapazes quanto para raparigas (Bastos & Bastos, 2008:149); justificando as assimetrias de género, com a herança cultural e religiosa, imprescindível na educação das novas gerações, por forma a evitar a assimilação dos padrões culturais da sociedade acolhedora, com vista à preservação da comunidade, ao respeito pela família e ao seu nome (Bastos & Bastos, 2008:147).

O conflito de ideais e valores intergeracionais é abordado pelos mais jovens, que afirmam ter diferentes comportamentos consoante o contexto em que estão presentes: têm determinados hábitos e práticas em conjunto com outros jovens de outras religiões, mas não ousam contar estas experiências às suas famílias para não os desapontar, para não criarem problemas e discussões (Bastos & Bastos, 2008:149, 150).

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

A questão de partida que orienta esta investigação é: *Como é que a religião muçulmana é transmitida em contexto familiar por famílias nacionais do Paquistão, residentes em Lisboa?*

Para tal pretende-se cumprir os seguintes objetivos:

- caracterizar as famílias islâmicas e os seus elementos (residentes em Lisboa),
- identificar os valores elementares que desejam transmitir à descendência,
- conhecer a sua conceção e a importância atribuída à sua religião,
- descrever a sua rotina diária, identificando as práticas que concorrem para a promoção da sua religião,
- compreender de que modo as vivências familiares, a rotina e os hábitos da casa se relacionam com a pertença ao Islamismo,
- identificar os obstáculos à aprendizagem da religião,
- conhecer a conceção de futuro (o idealizado e o reconhecido como provável) dos membros da família.

Considerando este propósito, inevitavelmente foi realizada a exploração de alguns temas considerados imprescindíveis para traçar a problemática, temas esses apresentados anteriormente nos quatro pontos do Capítulo 1 onde é exposto o Enquadramento Teórico.

Ainda que os temas avançados possam parecer díspares, há que salientar a pluralidade da existência humana, não somos e nunca seremos apenas um aspeto da nossa vivência, somos constantemente seres plurais e não raras vezes regidos por aspetos contraditórios (Lahire, 2001).

Fundamentada na produção científica na área da sociologia e especificamente da sociologia da família, avançada no Capítulo 1, procurou-se testar a seguinte hipótese: as famílias muçulmanas ensinam a sua religião através das práticas adotadas e de contextos e atividades familiares específicas.

1. Procedimentos Metodológicos

Para responder à questão de partida, e tentando testar a hipótese anteriormente avançada, consideram-se as seguintes dimensões de análise, passíveis de serem caracterizadas através dos indicadores que a cada uma se indica no seguinte quadro:

Operacionalização	
Dimensões	Indicadores
Caraterísticas sociodemográficas	<ul style="list-style-type: none">• Idade• Género
Origens familiares	<ul style="list-style-type: none">• Nacionalidade• Escolaridade

	<ul style="list-style-type: none"> • Profissão • Religião
Contexto familiar	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia educativa • Presença e os tempos • Sentimento de pertença • Relações • Ambições para o futuro • Rotinas
Práticas religiosas	<ul style="list-style-type: none"> • Rotinas • Tipo de atividade • Frequência de atividade • Participação (grau e motivo) • Percepção

Quadro 2 Operacionalização

Equacionando que estas dimensões de análise se relacionam entre si e potenciam de forma direta ou indireta a transmissão e a aprendizagem da religião muçulmana em contexto familiar, propõe-se um modelo de análise que sugere (tal como no esquema):

- que um contexto familiar com práticas religiosas islâmicas e atividades específicas, contribui para a transmissão da religião muçulmana,
- que uma maior apetência para a aprendizagem da religião muçulmana pode estar relacionada com um sentimento de herança, de pertença, de linhagem, e assim ser influenciada diretamente quer pelas práticas familiares quer pelas origens familiares;
- que as origens e as práticas familiares influenciam a religião seguida.

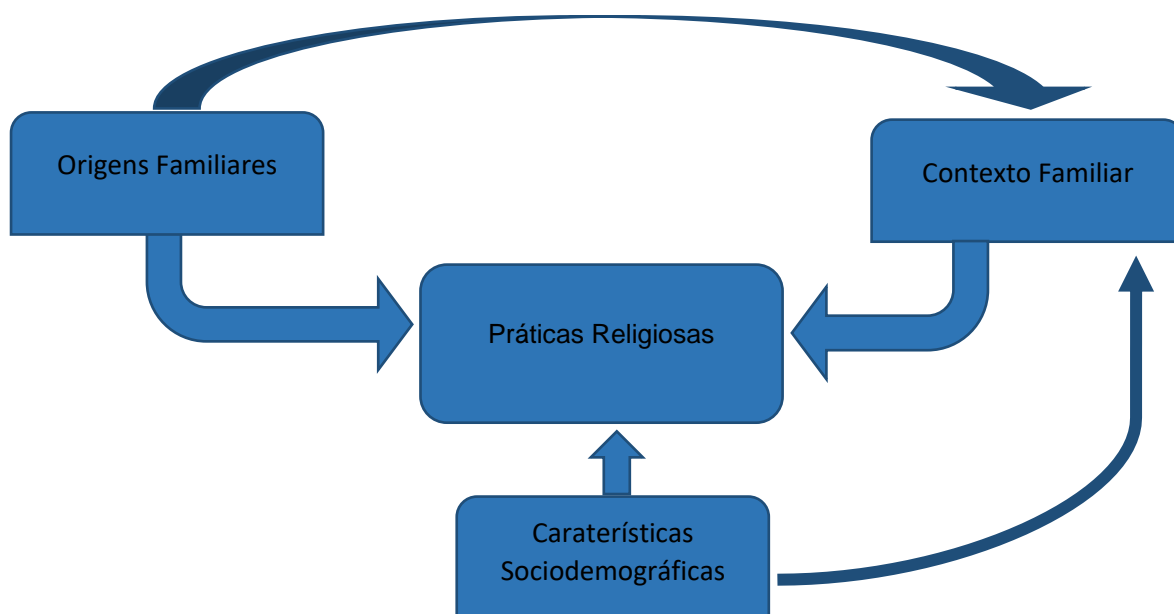


Figura 1 Modelo de Análise

Para atingir os objetivos enunciados, e atendendo ao enquadramento teórico da problemática avançada, foram realizadas entrevistas aos pais e filhos (com mais de 12 anos) de famílias muçulmanas, nacionais do Paquistão, residentes em Lisboa.

Face ao exposto, as famílias que dão corpo a esta investigação não foram consideradas apenas enquanto famílias, desprovidas de contexto, elas foram consideradas de um ponto de vista tão específico quanto global enquanto migrantes, de etnia diferente da autóctone, não só religiosas, mas muçulmanas, residentes em Lisboa.

Atendendo à especificidade da temática abordada, foi eleita uma abordagem qualitativa, privilegiando a realização de entrevistas semiestruturadas, desenhadas em questões abertas, pelas vantagens e objetivos deste método (Quivy e Campenhoudt, 2013:193,194), visando transmitir respeito e sensibilidade às normas culturais dos participantes bem como à sua linguagem, esperando que os participantes não se sintam constrangidos e partilhem verdadeiramente as suas perceções e aspirações para o desenvolvimento espiritual dos jovens da família. Foi também considerado enquanto método qualitativo enriquecedor para esta investigação a observação direta (Quivy e Campenhoudt, 2013:198-200), notando os gestos e comportamentos (linguagem não verbal) dos participantes, observando o espaço doméstico e outros locais que as famílias apresentaram nos dias das entrevistas.

De salientar que foi dada a garantia de que o objetivo das entrevistas e consequentemente da investigação, não seria julgar se existe ou não Alá, ou algo superior, nem sequer abordar levemente qualquer tipo de crença desconsiderando-a; apenas se pretende conhecer que práticas adotam as famílias que pretendem transmitir a sua religião, neste caso islâmica, aos mais jovens.

Enquanto opção metodológica, em todas as famílias, foram entrevistados primeiro os pais e só depois os jovens. Pretendia-se assim familiarizar os adultos com as questões que seriam abordadas, para que não tivessem reservas em autorizar os jovens a participar e para que os jovens se sentissem mais à vontade por já existir uma relação entre o entrevistador e a família. A cada família correspondeu um dia de entrevistas e não houve lugar a tempos de intervalo que permitissem que os pais falassem com os filhos entre entrevistas.

Os contatos iniciais foram realizados por e-mail, foram enviados e-mails a diversas associações e organizações muçulmanas com morada no distrito de Lisboa. As primeiras entrevistas foram realizadas à primeira família que respondeu ao e-mail. Curiosamente, os outros e-mails nunca obtiveram resposta, mas a comunidade a que aquela família pertence disponibilizou-se de imediato em participar, e promoveu até a divulgação boca a boca da investigação. Após a primeira entrevista que se deu na sequência da resposta a um e-mail, foram realizadas várias deslocações à comunidade, estabelecidos contatos presenciais

prévios com os indivíduos, que posteriormente se disponibilizaram para participar nas entrevistas

Cada entrevista teve a duração média de duas horas e todas foram gravadas sem qualquer objeção dos participantes. Todas as entrevistas foram realizadas em casa da família, a convite das mesmas.

As entrevistas realizadas abordaram as seguintes dimensões: família, Islamismo, religião e futuro.

2. Caracterização dos Participantes

Os participantes e conseqüentemente a amostra, não foram selecionados aleatoriamente de uma população, são todos voluntários, todos se disponibilizaram em participar. Deste modo, uma das grandes limitações desta investigação é o facto de não ser representativa, além de ter um reduzido número de participantes, os resultados podem ser enviesados uma vez que foram ouvidas as pessoas que quiseram falar o que pode por si só enviesar as conclusões.

Foram realizadas 18 entrevistas, a 18 participantes (4 raparigas, 5 rapazes, 5 mães e 4 pais), constituindo um total de 6 famílias. Em algumas famílias foi possível entrevistar ambos os progenitores e mais do que um filho.

Optou-se por seleccionar famílias cujos filhos a entrevistar tivessem idade superior a 12 anos.

A todos os participantes foi garantida a confidencialidade das entrevistas, deste modo os nomes que surgem ao longo de toda esta dissertação são nomes fictícios, escolhidos por cada participantes como o seu nome de código.

No Anexo A apresenta-se uma breve caracterização dos entrevistados.

Na família A foram entrevistados: a mãe A'ishah, o pai Rahman e os filhos Fatimah e Siraj.

Na família B foram entrevistados: o pai Tarif e a filha Ghayda, a mãe não pôde ser entrevistada porque estava a trabalhar como doméstica em casa de outra família e só volta a casa à noite.

Na família C foram entrevistados: a mãe Azizah e a filha Khalidah, o pai é motorista de pesados e não conseguiu participar na entrevista por motivos de trabalho, há também um filho mais velho, que trabalha com o pai e que não foi entrevistado.

Na família D foram entrevistados: a mãe Lateefah, o pai Yasin e o filho Ghalib.

Na família E foram entrevistados: a mãe Raniyah (viúva) e o filho Kaliq.

Na família F foram entrevistados: a mãe Samra, o pai Hizqeel, os filhos Abdul, Yusef e a filha Amatul.

CAPÍTULO 3 – DISCUSSÃO DE RESULTADOS

3. Impressões da observação

Uma vez que todas as entrevistas foram realizadas em casa das famílias, foi possível observar o espaço e perceber algumas dinâmicas de ocupação de zonas.

Ao entrar nas casas parece que somos transportados para outro país, de repente, com um passo, entramos no Paquistão. É uma casa, reconhece-se o espaço familiar com facilidade, tem os objetos e móveis comuns, mas as televisões estão maioritariamente em canais paquistaneses, há sempre as figuras dos profetas afixadas nas paredes em fotografias emolduradas que só não se confundem com familiares porque a disposição das mesmas é tão rígida que lembra as fotografias dos antigos Presidentes da República dispostas eximamente por ordem na Residência Oficial.

Os tapetes para as orações, chamados *salat*, estão discretamente sempre à mão e são possíveis e identificar com um varrer de olhar; foram orgulhosamente mostrados por diversas famílias que exemplificaram o seu uso.

Em todas as casas sem exceção foi oferecido um lanche, chá e leite (à inglesa) e bolos caseiros tradicionais do Paquistão.

Foi possível identificar no espaço doméstico, como se distribuem as ocupações: a cozinha é domínio feminino, maioritariamente da mãe, na sala os lugares sentados são regularmente ocupados da mesma forma, cada um tem o seu lugar, existem ainda os quartos, espaço comum do casal e espaço privado dos jovens.

4. Análise das entrevistas aos pais

Todos os participantes referem que a adaptação a Portugal foi dificultada pela língua, quer adultos, quer jovens, depararam-se com a barreira linguística no primeiro ano que residiram em Portugal.

No início era difícil por causa da língua porque esta língua era muito estrangeira para nós, nunca estudámos esta língua; o Paquistão foi colonizado por britânicos, somos mais familiares com língua inglês por isso no início era muito difícil, agora estamos a começar. (Rahman, 46 anos).

Os pais explicam as dificuldades de língua dos jovens

Têm dificuldade de língua, mas não como era no início, mas como nós não falamos em casa, não temos língua profunda e dia-dia não falamos [em português] com os filhos, por isso eles não têm base de português; mas na escola eles falam bem. (Samra, 45 anos).

Os pais não relatam outra dificuldade na relação com a escola além da língua, referem que percebem tudo o que lhes é dito, mas às vezes demoram a perceber porque os professores falam muito rápido. Questionados sobre a perceção de discriminação nas

relações com a escola e professores, os pais sentem que o tratamento dos professores é igual para com eles e outros pais. Dizem que a escola é diferente, o método é diferente, explicam que no Paquistão os jovens têm que memorizar e aqui têm que compreender.

Os pais explicam que os jovens devem fazer as cinco orações diárias, mas que como são estudantes e estão na escola, não se podem ausentar para participar nas orações com a restante comunidade, no entanto não se mostram preocupados e ressalvam que quem tem este tipo de dificuldade pode juntar duas orações e fazê-las assim que possível, tal como em caso de esquecimento, além de que não precisam de ir à Mesquita, uma vez que é possível fazer a sua oração em qualquer lugar.

Temos cinco orações diárias aqui na associação, mas como estudantes, no tempo de oração estão na escola, não podem assistir, frequentar a Mesquita, mas temos também permissão para aqueles que enfrentam este tipo de dificuldade, podem juntar duas orações. (Hizqeel, 51 anos).

Fatimah, que estuda na Universidade de Lisboa, conta que solicitou um espaço onde pudesse fazer as suas orações e que lhe foi cedida uma pequena sala, pelo que esta questão ficou francamente facilitada.

O dia a dia das famílias é pautado por diversos momentos de oração ao longo do dia. De manhã antes de nascer do sol, nós todos rezamos, o dia começa com oração antes do nascer do sol, juntos na associação com outras famílias, os homens devem ir à Mesquita, mulheres podem rezar em casa (Yasin, 46 anos).

Rahman conta *“há certos dias que as mulheres não rezam”* - aqui troca olhares com a esposa e pede baixinho *“podes explicar?”*, - a mulher continua *“durante período, não é permitido rezar porque não são puras, por isso é a lógica de dar licença às mulheres para que podem rezar em casa, porque têm diferentes condições, diferentes situações, não podem rezar em congregação na Mesquita todo o mês”* (A'ishah, 50 anos).

Lamentam a dificuldade de cumprir os horários das orações, uma vez que não há pausas laborais para o fazer como no Paquistão.

Aqui em Europa é um pouco difícil porque pessoas estão a trabalhar, mas se for um país muçulmano, pausa para oração, sempre vão para a Mesquita... a Mesquita cheia de pessoas, não todas, não todas as pessoas são religiosas (Tarif, 38 anos).

Quando perguntados sobre atividades e espaços extracurriculares, além da escola, espaços de convívio e brincadeira que os jovens possam frequentar dizem:

Dentro de escola, quando tiverem intervalo, dentro de horário, podem jogar (...) podem ir a mais sítios mas às vezes não há tempo (...) vão à escola e regressam a casa, sempre, nós temos este horário, meninos têm que chegar, meninos se atrasam ficamos preocupados (...) alguns pais podem permitir, outros não, algumas coisas não podem porque maneira de vestir de meninos e meninas é diferente e não podem, porque aqui em Portugal há mais chance de irem lado errado. (Hizqeel, 51 anos).

Este “lado errado” traduz o receio que os pais têm de que os jovens se desviem do seu caminho e é várias vezes referido em ocasiões diferentes em todas as entrevistas.

Habitados, no seu país de origem, à vivência em família alargada, por viverem com os avós das crianças, os pais partilham que

É muito importante quando crianças crescem na mão de adultos, recebem mais carinho e valores morais que aprendem muito dos avós, hoje em dia os meninos não querem ficar com os avós, mas eles ajudam muito, quando saímos para trabalhar eles ficam, eles ensinam religião e podem levar para qualquer estudo ou centro religioso ou para Mesquita e isto ajuda muito (...) na nossa sociedade quase 90% dos avós fica com os meninos (Raniyah, 36 anos),

Quando uma menina casa ela vai para casa do marido e os avós ajudam a cuidar dos meninos (Azizah, 43 anos).

As tarefas domésticas são da responsabilidade das mulheres da família, principalmente da mãe. Samra fala das suas tarefas diárias:

Limpeza da casa, lavar roupa, lavar loiça, passar ferro, fazer comida, tudo, porque na nossa cultura e basicamente mais que cultura uma mulher é dona da casa e tem que cuidar toda a casa (Samra, 45 anos).

Hizqeel, conta

Quando ela pede eu ajudo, mas maioria das vezes ela faz, eu vou com ela para fazer compras e trago todas as coisas: gás, farinha (...) às vezes quando ela fica doente eu cozinho para ela e para crianças (Hizqeel, 51 anos).

Samra brinca e explica,

Eu tenho cargo de ministério de assuntos internos e ele é ministro de finanças e assuntos estrangeiros (...) porque acho k n há nenhum problema de eu fazer tudo, fico contente de fazer tudo, minha presença e minha atenção para a casa e os filhos é mais importante (...) é na mão de uma mulher juntar ou espalhar uma família, mulher deve juntar, preparar comida para juntar todos (Samra, 45 anos).

Quando questionados sobre os hábitos e as regras da casa as famílias destacam o cumprimento dos horários:

Regra normal é levantar, acordar no tempo e entrar em casa no tempo de comida, quando comida estiver pronto todos deve estar presente na mesa (Hizqeel, 51 anos).

Durante a semana as famílias organizam-se em torno dos horários escolares dos jovens e dos horários das orações. Todos os dias fazem as cinco orações obrigatórias, iniciando-as antes do nascer do sol, depois tomam o pequeno-almoço e acompanham os jovens até aos transportes públicos, os pais seguem as suas vidas (doméstica ou o seu emprego), voltam a reencontrar-se ao fim do dia, jantam todos juntos conversam um pouco sobre o país de origem e os assuntos transmitidos na televisão paquistanesa. Durante os fins-de-semana:

Relaxamos, descansamos um pouco, mas quanto a atividades religiosas, são normais todos dias, 365 dias é a mesma, mas além disso temos as atividades do fim de semana...

Sexta-feira temos problema aqui em Europa, sexta-feira aqui é dia de trabalho, mas no Paquistão é feriado sexta-feira, e sábado e domingo trabalhamos, porque sexta-feira é dia sagrada, mas aqui enfrentamos dificuldades, as pessoas estão a trabalhar não podem frequentar oração que é obrigatório para cada muçulmano, esta é a dificuldade para comunidade muçulmana aqui em toda a Europa (Rahman, 46 anos),

As pessoas não podem ter folga para assistir o serviço (Tarif, 38 anos).

Aos fins-de-semana a comunidade costuma reunir-se especialmente, há uma reunião geral e também atividades quer sejam leituras, estudos sobre os escritos muçulmanos ou pequenas comemorações,

Fim-de-semana, reunião geral dos membros, sempre uma atividade, porque além dos nossos filhos temos responsabilidade de educar a comunidade (Lateefah, 42 anos).

Sobre a transmissão da religião muçulmana em Portugal os pais destacam que as crianças

Devem aprender português e levar nossa religião em frente, não devemos perder nossa religião, lá temos mais oportunidade de aprender e praticar, por isso aqui damos mais ênfase para nossos filhos aprenderem religião (...) é difícil aqui praticar, por exemplo para meninas, por burka e hijab, porque têm dificuldades na escola por usar (A'ishah, 50 anos). Depois de 12 anos, quando são adultas, meninas têm que usar, têm que tapar a cabeça, mas aqui não é frequente e tem problemas, os colegas falam e os professores também dizem que não devem tapar a cabeça (...) mas para meninos também é difícil porque outros todos não estão a usar, quando na sociedade outros estão a praticar a mesma coisa...e então ficam estrangeiros (Rahman, 46 anos).

No que diz respeito aos valores que pretendem transmitir aos filhos referem:

Pontualidade e respeito (Raniyah, 36 anos),

Obediente, cumprir lei seja da casa, seja da escola, da sociedade ou do país, tem que cumprir (Azizah, 43 anos),

Devem estudar, para estar no nível que podem levar a nossa religião em frente (Rahman, 46 anos).

Muitas pessoas aqui não conhecem nossa religião e provocam, pensam que é religião de extremistas ou terroristas mas na nossa comunidade temos cientistas, temos médicos, senhoras professoras, o islão está em estudo, o nosso profeta diz que é obrigatório aprender tanto o homem muçulmano como a mulher muçulmana, mesmo que tenham que viajar para outro país têm que estudar, por isso nós queremos que nossos filhos estudem e depois ajudam a comunidade, ajudam a religião para esclarecer dúvidas (Yasin, 46 anos).

Sobre os defeitos dos jovens que preocupam os pais, as famílias referem que temem que os jovens não se defendam, que não argumentem ou contra-argumentem, que se calem quando os outros os importunam ou tentam desestabilizar. Referem ainda que em Portugal os jovens não têm uma rede de amigos e familiares como no Paquistão e por isso não os deixam sair e brincar na rua porque

Temos receio desta sociedade, desta liberdade, eles podem desviar-se e enganar-se, se fosse no nosso país tínhamos outros membros da família que são da mesma religião e são mais seguros, têm mais gente a tomar conta, aqui ninguém quer saber de ninguém (Rahman, 46 anos).

Estas famílias dizem orgulhar-se dos jovens por ser possível confiar neles

Temos confiança neles, que o que ensinamos vão cumprir têm honestidade, quando fazem qualquer coisa mal contam (Hizqeel, 51 anos).

Nesta mesma linha, sobre o que gostam mais na família, os adultos respondem que é a franqueza e a partilha

Somos todos muito francos entre nós e partilhamos tudo mesmo que saibamos que os outros não gostam, nós contamos, porque queremos que eles saibam o que fazemos, para que não haja segredos (A'ishah, 50 anos).

O aspeto que todas as famílias gostavam de mudar diz respeito à ligação à sociedade autóctone portuguesa, referem que seria importante relacionarem-se mais e conhecer melhor Portugal:

Nos primeiros anos por causa da língua não tínhamos convívio com a sociedade, agora temos que ter mais, ver mais televisão de Portugal para aprender mais sociedade portuguesa, mais língua porque é muito importante para nós compreender, porque se não compreendemos a outra sociedade não podemos educar os nossos filhos, para podermos partilhar o que é melhor em outra pessoa e adaptar, os outros também podem nos compreender melhor quando aproximarmos uns dos outros (Rahman, 46 anos)

Uma coisa que faltou aqui em Portugal é vizinhos, não temos vizinhos, aqui outro apartamento também é de muçulmano, falta vizinhos portugueses (Azizah, 43 anos).

Notícias portuguesas e cultura geral é trazida para casa pelos jovens,

Os meninos indicam que temos que ver este filme que é muito interessante (...) por exemplo, 'Sozinho em casa', os meninos pediram para ver e vimos todos juntos (...) temos também dramas, filmes do Paquistão que eles indicam e depois continuamos a ver porque têm episódios, normalmente no fim-de-semana porque outros dias eles têm que estudar (Samra, 45 anos),

Jantamos e vemos televisão, notícias da nossa terra (...) não damos muita atenção a política de Portugal, mas sempre vemos de lá, mas as crianças não têm muito interesse (A'ishah, 50 anos).

Apesar das dificuldades referidas anteriormente quanto à possibilidade de participar de todas as orações na Mesquita, particularmente as orações a meio do dia, da jornada escolar ou laboral e das atividades de sexta-feira, as famílias sentem que cumprem o esperado pela religião e não se sentem culpadas quando por algum motivo não conseguem fazer a sua oração,

Não há substituição de uma oração, temos que fazer quando lembramos (...) posso rezar dentro do carro, dentro do autocarro, não temos que ir pra igreja (Tarif, 38 anos).

Sobre o sentido das orações, a percepção que têm das palavras ditas é:

Em princípio a gente tem que saber o que está a fazer, mas às vezes quando há muito para fazer, temos que fazer a oração depressa e não estamos tão concentrados” (Samra, 45 anos),

Quando foi aflito ou ferido por qualquer sentimento aproxima mais a deus, outros dias não tanto (Hizqeel, 51 anos),

Aqui na Europa o estudo da religião não é tão profundo, porque compreensão da língua aqui é superfície não é tão profundo, porque muçulmanos aqui têm pouco conhecimento religioso não percebem tanto, não é tão profundo (Rahman, 46 anos).

Sobre os suportes utilizados para estudo da religião as famílias dizem utilizar essencialmente livros e a televisão, pontualmente referem também a utilização de alguns sites na internet onde têm disponíveis diversas obras literárias completas; mas destacam que apesar da importância da religião os *outros* conhecimentos são essenciais,

Só religião não é importante, eles têm que aprender as coisas da escola, só ler alcorão não é suficiente. Para compreender qualquer livro sagrado tem que estudar ciência, geografia, ver televisão, estudar e ver filmes, tudo, e depois tem mais capacidade de compreender a religião, pode diferenciar” (Hizqeel, 51 anos),

Língua é muito importante para compreender religião, tem que ler muitos livros e ver televisão para compreender língua para poder expressar os seus sentimentos e argumentar e defender, às vezes pessoas têm amor de religião e muitos sentimentos mas não têm base de conhecimento religioso e depois quando acontece qualquer coisa e as reações são muito violentas tal como dos extremistas, faltam palavras e argumentos e começamos a brigar com outra pessoa, mas quando temos boa língua e temos argumentos para defender nossa religião não precisa sair em ruas para matar as pessoas ou violar, isto por causa de falta de conhecimento (...) nossa comunidade é diferente, se alguém cometeu mal nós não temos que cometer mal, temos de reagir de uma forma melhor (Yasin, 46 anos).

As próprias famílias introduziram a temática do extremismo e dos terroristas, sentem que os ataques terroristas que têm ocorrido com frequência nos últimos tempos, influenciam negativamente a percepção que recai sobre si, sentem que são olhados de maneira diferente,

Cada vez que acontece qualquer coisa temos que cuidar muito e aconselhamos os nossos filhos. Às vezes não saímos na rua, mesmo aqui [em Portugal], enquanto o acontecimento está na cabeça das pessoas às vezes eles levantam a voz nas ruas e enviam ameaças por e-mail, apesar de nós condenarmos, os comentários não são positivos (Rahman, 46 anos),

Tentamos não ir à rua nesses dias, somos vítimas de duas maneiras, eles atacam a nossa religião e também não fazem diferença entre bom e mau, há pessoas boas e pessoas más. Mas os europeus também não diferenciam, põem todos no mesmo saco, no mundo há quantos muçulmanos? Nem todos são terroristas, é uma minoria, e isto tem interesses

políticos, os muçulmanos estão a matar muçulmanos e outras pessoas, mas atrás há outros países com interesses políticos que os conduzem (Yasin, 46 anos).

No que diz respeito ao ensino da sua religião aos jovens, destacam que a língua se torna mais uma vez a barreira, isto porque ainda que os jovens falem Urdu (língua oficial do Paquistão), a sua capacidade linguística não é suficientemente forte para perceberem o sentido das escrituras,

Língua, porque língua deles não é muito forte, Urdu língua do Paquistão, filho não compreende, livros religiosos são difíceis para ele, por isso tentamos ver novelas do Paquistão para ele aprender a língua (...) ela aprendeu e já andava na escola lá, ele começou a falar fora (A'ishah, 50 anos).

Defendem que a comunidade islâmica é muito importante, pela partilha dos mesmos valores, honestidade, verdade, respeito,

É muito importante, nossa comunidade é diferente de outros grupos, porque eles pertencem a outras seitas e a diferença é a interpretação de algumas palavras do alcorão, para nós a jihad é uma guerra de caneta, o profeta escreveu livros e desafiou os seus oponentes a escreverem também, é uma guerra de palavras (Rahman, 46 anos).

Referem que o que poderia ser diferente na sua comunidade é a participação de mais famílias autóctones,

Mais pessoas a falar português e que compreendam a religião, para ser mais fácil mostrar a nossa religião aos portugueses (Tarif, 38 anos).

As famílias entrevistadas consideram muito importante que os filhos sigam a religião e a transmitam, mas também que é importante ter uma religião independentemente de qual,

Porque religião é um caminho que liga a deus, temos que estabelecer uma ligação com o criador, religião é muito importante porque nos dá valores, ensina o que é mau e o que é bom (...) a religião ajuda a saber como reagir quando uma coisa nos magoa, como melhorar os nossos comportamentos, quando alguém ficou magoado (Lateefah, 42 anos).

Questionados sobre as perspetivas de futuro, os sonhos que têm para os seus filhos, falam sobre a discrepância no que tinham sonhado e para onde caminha a realidade

Gostava que fossem médicos, mas não conseguiu, menino também não vai conseguir (...) pais sempre sonham que os filhos devem chegar a um nível muito alto para ter orgulho para os pais, mas depende do ambiente onde passamos a vida (A'ishah, 50 anos).

As famílias entrevistadas, falam da liberdade para tomar caminhos fora ou diferentes da sua religião,

Não há obrigação, cada pessoa tem liberdade religiosa e pode deixar a nossa religião, mas sendo pais tentamos manter os filhos no caminho certo nenhum pai quer que os filhos vão no caminho errado (Yasin, 46 anos).

Questionados sobre o futuro, falam sobre a sobre a incógnita que é

Gosto muito de Portugal, tenho desejo de ficar aqui, mas depende do futuro das crianças, a sociedade aqui é diferente, eles são tímidos, têm falta de coragem, não têm amigos, não sabemos se vai correr bem (A'ishah, 50 anos).

5. Análise das entrevistas aos filhos

A maioria dos jovens refere ter-se sentido discriminado, pelo menos nos primeiros anos em Portugal, referem que agora o mesmo não acontece com tanta frequência. Referem mesmo que o melhor da escola é que as outras pessoas já não os discriminem,

Agora, este ano as pessoas já não fazem racismo como normalmente fazem por ser muçulmano, eu gosto disso (Yusef, 16 anos).

Mas há também jovens que destacam que o melhor da escola é

Conhecer pessoas de várias cidades que achei que nunca ia conhecer (Fatimah, 22 anos).

Sobre o pior da escola, referem que

A escola já não tem um mérito tão alto, está cada vez mais podre no valor [sobre a posição da escola no ranking nacional] (Siraj, 16 anos),

Pior? Na universidade não há nada de pior, quando eu estava no 9º ano sofri um pouco de racismo por parte de rapazes violentos que gozavam comigo (...) o terrorismo iniciou-se e as pessoas ouvem falar de Paquistão e islão e fazem racismo, eles percebem que não se deve gozar, agora são mais inteligentes, agora todos falam bem comigo, ninguém goza mas no início devia ter socializado mais com pessoas de cá, ter dedicado mais tempo ao estudo para aprender a língua (Fatimah, 22 anos),

Só o primeiro ano é que foi difícil pela língua e foi um grande choque cultural (Khalidah, 17 anos).

Nenhum reprovou em Portugal, nem sequer no primeiro ano, o ano de adaptação e quando referem notas “menos boas” referem-se a médias de 14 valores.

Referem que o que mais gostam na família é

Poder chegar a casa e partilhar tudo, chegar a casa e ter comida quente para comer é muito bom (...) estarmos unidos ao fim do dia (Ghayda, 14 anos).

E poderem partilhar tudo e confiarem uns nos outros,

Quando tenho que escolher alguma coisa, primeiro pergunto aos pais, eles explicam, mas depois dizem que posso fazer o que quiser, depois escolho e eles não se zangam se escolher diferente do que eles dizem (Kaliq, 13 anos).

Alguns jovens, têm como língua materna a língua oficial do Paquistão, Urdu, em casa as famílias não falam português e não costumam ver televisão portuguesa

Para mim, a minha língua materna é Urdu, eu vejo televisão em Urdu, vejo novelas, em casa falamos Urdu, ajudo na tradução dos sermões e livros de Urdu para português (Fatimah, 22 anos).

Gostavam de passar mais tempo em família e passear mais, e são esses os aspetos mais referidos quando questionados sobre o que podia melhorar na sua família

Passar mais tempos juntos (...) passear mais (Ghalib, 18 anos).

Sobre a divisão de tarefas domésticas, os rapazes ajudam o pai e as raparigas ajudam a mãe e falam da importância de aprender a cuidar da casa

Aos fins-de-semana ajudo a cuidar da casa porque durante a semana não chego a horas, e é importante eu aprender a cozinhar e a tomar conta da casa, no Paquistão elas aprendem estas coisas mais cedo (Fatimah, 22 anos).

Os hábitos e as regras da casa são

Sempre que chegamos a casa temos que cumprimentar e antes de ir pra fora também (Kaliq, 13 anos),

Antes de comer temos que ler as orações (Amatul, 12 anos),

Pontualidade, se somos chamados para fazer algo temos que levantar na hora e não dizer 'ok' porque depois demoramos 10 minutos ou mais (Abdul, 18 anos).

Os dias da semana dos jovens são muito semelhantes devido ao horário escolar, sobre as suas rotinas diárias explicam,

Acordo 6h30 para fazer a oração antes de o sol nascer, depois tomo pequeno-almoço, se der tempo ainda estudo um pouco de manhã, depois apanho autocarro para ir para a escola, venho almoçar a casa e volto para a escola, depois volto por volta das cinco horas e às vezes estou cansado durmo um pouco à tarde, janto e depois estudo um pouco à noite até à meia noite (Siraj, 16 anos).

Os jovens que não vão almoçar a casa, normalmente levam comida de casa, excepcionalmente aproveitam as refeições escolares para experimentar comidas novas *portuguesas*.

Sobre as suas práticas religiosas descrevem-nas e tecem algumas considerações
Faço as 5 orações obrigatórias, a recitação do sagrado Alcorão, antes de ir para a escola peço a deus para o dia passar bem e se tivermos algumas dificuldades para ele ajudar-nos, por exemplo se tivermos teste, quando voltamos rezamos para agradecer (Yusef, 16 anos),

Devíamos dedicar mais tempo à religião, noutros países os jovens da nossa idade têm mais atividades, competições físicas ou por exemplo ler poemas, e eu sinto falta disso (...) pedi ao diretor da faculdade, e deram-me uma sala que posso usar para rezar nas horas certas (Fatimah, 22 anos),

Quando alguém visita a nossa casa, sempre servimos chá e um doce ou um salgado (Amatul, 12 anos),

Sobre a importância de cumprir as suas orações explicam

As orações são importantes de cumprir, porque é uma obrigação, faz parte da religião, não fazer uma oração é como o registo de faltas, não devia acontecer (Yusef, 16 anos),

Inicialmente não percebemos a importância e as orações parecem lengalengas, depois vamos percebendo as palavras, mas às vezes temos pressa e é uma lengalenga outras vezes precisamos de ajuda e já fazemos com mais concentração (Abdul, 18 anos),

Primeiro são os pais que nos ensinam, mas depois percebemos que temos o sentimento e fazemos por nós (Amatul, 12 anos).

Sobre a dificuldade de cumprirem algumas atividades muçulmanas referem

É raro conseguir ir às orações de sexta-feira, vou tentando faltar uma aula por mês para conseguir vir à oração de sexta-feira, a escola é importante mas eu sinto a responsabilidade, há muitas pessoas que se esforçam por vir e eu sinto que devia vir mais vezes (Abdul, 18 anos).

Como todos os jovens são imigrantes, todos nasceram no Paquistão, tal como os seus pais, mesmo estando em Portugal, dentro das suas casas é como se vivessem no Paquistão (à exceção da participação da família alargada),

Como vivemos cá, isolados da nossa cultura, eu acho que as novelas e a cultura que é mostrada lá [na televisão] é um grande contributo para estarmos ligados à nossa cultura, à nossa língua, às tradições (Fatimah, 22 anos).

Siraj nasceu no Paquistão, mas saiu do país para o Gana com 2 anos, depois veio para Portugal; o país onde viveu mais tempo é Portugal, mas ele diz-se paquistanês, no entanto não quer voltar ao Paquistão,

Eu prefiro ficar cá, já perdemos muito tempo a mudar de país (Siraj 16 anos).

Sobre o seu capital cultural os jovens consideram-se

Mais ricos culturalmente, porque conhecemos mais sítios e mais culturas, conseguimos escolher as coisas boas de uma cultura e de outra e podemos não querer as más (Abdul, 18 anos).

Sobre o uso do véu islâmico, tanto raparigas como rapazes, comentam e têm a sua opinião,

Uso sempre o véu, no início revoltei-me era uma menina e era muita responsabilidade, não estava preparada para usar véu, no primeiro dia tirei o véu às escondidas da minha mãe, mas na escola um menino passou com um brinquedo no meu cabelo e ficou tudo preso; voltei para casa e contei à minha mãe, foi uma lição aprendida, nunca mais tirei o véu e fui-me habituando, hoje faz parte da minha imagem, não me farto de usar (Fatimah, 22 anos),

Há pessoas que olham uma vez e têm tendência para voltar a olhar, se os amigos acharem estranho, perguntam e eu explico (Khalidah, 17 anos).

As raparigas devem usar véu, porque os cabelos provocam a imaginação, os rapazes começam a achar que elas são bonitas (Ghalib, 18 anos)

Eu gostava que a minha futura mulher usasse véu, porque é importante usar, porque assim os outros homens não olham para ela, não os atrai (Kaliq, 13 anos)

Sobre trajes tradicionais paquistaneses, as raparigas usam-nos constantemente, vão assim para a escola, por outro lado os jovens rapazes contam que os usam em casa,

Aqui na rua se vou comprar pão, vou com as roupas tradicionais, é perto e não conheço mais pessoas aqui na rua; mas para a escola não, gosto mais das minhas roupas portuguesas (Siraj 16 anos)

Quando eu venho para casa mudo logo de roupa, visto as tradicionais, porque sinto mais confortável (Abdul, 18 anos)

Sobre a importância de ter uma religião, os jovens explicam,

Eu vejo a missa [Cristã] ao domingo na televisão [portuguesa] e só vejo pessoas mais velhas e quase só mulheres e fico um pouco triste porque é como se a religião poderá extinguir-se com a morte delas (Fatimah, 22 anos),

Sobre a sua percepção do que é ser muçulmano, explicam

Nós temos outros conceitos, acreditamos noutras coisas, nós fazemos jejum e ramadão, acreditamos em todos os profetas, Jesus disse que viria um profeta depois dele e nós acreditamos nos profetas. (Siraj 16 anos)

Ramadão é importante para sentirmos como é que os mais pobres, que não têm comer e não têm casa, como é que eles sentem quando de manhã vão procurar trabalho ou algo para comer, como é que eles sentem? E nós temos que sentir isso. (Amatul, 12 anos)

Ser muçulmano é acreditar num único deus, em todos os profetas, nós acreditamos que Jesus já faleceu, respeitamos todos os profetas e a nossa religião ensina-nos a respeitar as diferenças, não chamar nenhuma religião de falsa, fazemos jejum durante um mês inteiro (Yusef, 16 anos)

Os jovens defendem a pertença à comunidade islâmica porque

É importante que haja pessoas que sejam como guias para nós, com quem podemos falar quando temos algum problema, temos alguém para seguir, que tem as mesmas ideias que nós e temos um líder que nos lidera e para quem olhamos e fazemos as coisas como ele diz; a falta dessa liderança é o que faz esses conflitos, em vez de resolverem as diferenças deles estão a deixar que os outros países aproveitem as diferenças deles, enquanto nós temos um líder que seguimos e é uma enorme vantagem para nós; é muito importante ter alguém que nos lidere (Abdul, 18 anos)

Gostavam que houvesse mais divulgação da sua comunidade

Divulgar mais a nossa comunidade, para sermos mais conhecidos, para mais pessoas virem perguntar sobre a nossa religião (Kaliq, 13 anos)

Esta é a primeira entrevista que estamos a fazer, nunca ninguém nos veio fazer perguntas da nossa religião, é preciso espalhar mais a nossa mensagem, é importante ter uma grande comunidade, que nasçam aqui crianças e vivam aqui a vida toda, que sejam portuguesas e aprendam a cultura, porque eles iam conseguir socializar, eu nunca vou ser igual a uma pessoa que nasceu cá, era muito importante ter uma ou duas gerações que nascessem cá e conhecessem mais o país em termos de política e de lei e era mais fácil ajudar as comunidades, porque vão seguir carreiras diferentes e isso traz diversidade para a comunidade (Fatimah, 22 anos)

Independentemente da religião em causa, os jovens consideram importante ter uma religião

É importante ter uma religião porque qualquer religião diz-nos o que é bom e o que é mau, diz-nos que temos que seguir alguém (Ghayda, 14anos)

É muito importante porque temos um guia de conduta para seguir, não quer dizer que um ateu não seja responsável, mas a crença em alguém sempre ajuda e acho que é muito importante (Khalidah, 17 anos)

Apenas entre irmãos as conversas sobre religião são poucas, apenas o fazem quando um controla o outro, para criticarem ou apontarem faltas, já com os pais as conversas são diárias

Falo com os meus pais todos os dias sobre religião, sempre discutimos quando descubro uma coisa e não percebo, discutimos para explicar (Amatul, 12 anos)

Quando abordados sobre a continuação do percurso académico os jovens gostariam de o prolongar e consideram que com mais dedicação seria possível,

Quero estudar pelo menos até ao mestrado, não sei se é possível, depende, se começar a estudar mais, com um pouco mais de esforço (Siraj, 16 anos)

Acho que se estudarmos se dermos o máximo, podemos chegar onde quisermos (Abdul, 18 anos)

Acho que não sou suficientemente inteligente [estuda na universidade, sempre teve médias acima de 14, já pertenceu ao quadro de honra], não me esforço como devia, não sou empenhada (Fatimah, 22anos)

Imaginam o futuro, daqui a 10 anos, em Portugal,

Acho que vou casar, a minha esposa vai ser muçulmana, vai usar véu (...) um ou dois anos de diversão a passear com a esposa, depois filhos, gostava de ser biólogo mas não sei se consigo ter notas para isso, trabalhar num laboratório, fazer investigação (Siraj, 16 anos)

Vou estar casada, com um muçulmano, não sei de que país será, terei filhos, se conseguir gerir a casa, os filhos e o emprego, provavelmente estarei a trabalhar também, provavelmente como professora ou bióloga no campo em ambiente aberto e não fechada no laboratório (Fatimah, 22 anos)

Eu acho k é muito importante dedicar um certo tempo à casa (Ghayda, 14 anos)

Consideram que seria importante que os filhos seguissem a sua religião

É importante que os filhos sigam a religião, mas eles têm que saber porquê, não pode ser só seguir porque é a religião dos pais, temos de explicar, convém que eles tenham a nossa religião (Khalidah, 17 anos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação apresentada tem algumas limitações: a amostra não é representativa, os participantes não foram escolhidos aleatoriamente, voluntariaram-se para participar.

Existe também a possibilidade de as respostas terem sido ligeiramente enviesadas, já que esta é uma população que sente a necessidade de ser aceite pela sociedade do país de acolhimento. Ainda que as respostas dos jovens tenham sido dadas sem a presença dos pais, pode ter existido algum aconselhamento prévio, no sentido de passar uma determinada mensagem.

Apesar do foco da investigação serem famílias muçulmanas, não podemos ignorar que têm todos outros aspetos que os tornam indivíduos “plurais”, cada um apreendendo as suas experiências com determinada especificidade, não os podemos restringir apenas a um aspeto, uma vez que existe uma pluralidade de fatores que intervêm na forma como se relacionam com o mundo, os traços sociológicos que os caracterizam interrelacionam-se e os indivíduos não podem ser considerados atendendo apenas a um traço, já que se constroem numa pluralidade de contextos sociais distintos entre si que podem até contradizer-se (Lahire 2008).

Tal como parte das crianças em Lahire (2008) os jovens entrevistados consideram o sucesso escolar como uma necessidade individual, percebem o sucesso escolar como fator determinante para um futuro de sucesso em profissões que consideram colocá-los em posições sociais de destaque que na sua conceção influenciará positivamente a forma como a população autóctone os vê. Lahire (2008) defende que, dependendo da configuração familiar, a mobilização educativa familiar é determinante para o sucesso escolar de crianças dos meios populares, onde por diversas razões se insere a maioria das crianças imigrantes.

As famílias entrevistadas encaixam na perfeição nos aspetos caracterizadores das famílias com estratégia contratualista (avançados por Seabra, 1999) é possível reconhecer todo e cada um dos aspetos no discurso e na atuação destas famílias. As famílias entrevistadas demonstram uma grande preocupação em ter uma boa relação com os jovens, valorizam as suas ideias, o diálogo, incentivam as suas iniciativas e o desenvolvimento das suas capacidades de argumentação, confiam na sua conduta e participam nas reuniões escolares demonstrando interesse nos mecanismos de socialização e na instrumentalização desta instituição.

No entanto, é surpreendente encontrar também aspetos caracterizadores das famílias com estratégia estatutária, que surgem não pelas características internas dos progenitores, mas pela estratificação social imposta pela condição de imigrante, que os impele para uma uniformização ao “poder simbólico” (Bourdieu, 1989) traduzida na necessidade de aprender as coisas da escola e a “cultura portuguesa”, através da aculturação e da acomodação às normas defendidas pela classe dominante, caracterizados pelo receio da sociedade e pelo

controlo para que não tomem caminhos marginais. A escola exerce assim uma violência simbólica sobre estes jovens uma vez que impõe um arbitrário cultural que rompe com a sua cultura: o currículo é imposto, é dito de que se deve gostar e o que se deve abolir (Bourdieu e Passeron, sd).

As famílias entrevistadas têm uma relação expressiva com a escola, esta serve para adquirir cultura geral e conhecimentos específicos que contribuem para melhorar a vida da comunidade. As famílias têm grandes aspirações para o futuro dos seus jovens, esperam que o seu percurso escolar seja de sucesso e que lhes permita alcançar altos quadros profissionais que se traduzirão numa ascensão social e em melhores condições socioeconómicas para a sua comunidade.

Constata-se ainda alguma subjetivação, a sociedade fragmentada entre autóctones e migrantes conduz a uma alienação num contexto social alargado, em que as famílias não se querem destacar, não sabem bem como tomar parte e, portanto, preferem passar despercebidas, dedicando-se apenas à sua comunidade mais próxima e com quem partilham esta condição. Apesar de seu país de origem estas famílias pertencerem a classes sociais diferentes, a sua pertença étnica e a condição de imigrantes, neste momento, aproxima as diferentes classes e esbate as diferenças classistas.

Destaque-se que se também aqui se manifestam as conclusões de Seabra (1999), as habilitações literárias da mãe têm importância no percurso escolar dos filhos, nas famílias entrevistadas todas as mães estudaram com os filhos pelo menos nos primeiros anos que viveram em Portugal. As mães ajudaram os filhos a perceber os conteúdos, mas aprenderam também a língua através deste estudo acompanhado; em todas as famílias se verificaram níveis linguísticos mais avançados nas mães do que nos pais.

A pertença étnica, as rotinas familiares e a constante prática religiosa fomentam um sentimento de pertença, de identificação e identização que contribuem para o sucesso da transmissão da sua religião.

As dinâmicas familiares e as estratégias educativas destas famílias promovem a eficácia na transmissão da sua religião. As famílias entrevistadas têm como principais valores a transmitir à descendência, a pontualidade, o respeito, a obediência, a honestidade, o interesse pelos estudos e pela aprendizagem constante.

Ao atribuírem à religião um papel central na orientação do comportamento dos indivíduos, as famílias incutem nas crianças a importância da religião, seja ela qual for, como uma forma moral e relevante de liderar os seus percursos.

As práticas diárias têm, sem dúvida, um peso determinante neste processo de aprendizagem da religião muçulmana. Toda a ação familiar se desenvolve com base nas práticas religiosas: as roupas que usam são as tradicionais (ainda que os rapazes só as usem na zona residencial); a hora de acordar é em função do nascer-do-sol para que se faça a

primeira oração; ao longo do dia, em diferentes horários seguem-se mais quatro momentos específicos de oração; os programas vistos na televisão têm sempre relação com o país de origem e são indissociáveis da sua religião (uma vez que mesmo as telenovelas têm protagonistas muçulmanos); as refeições, os alimentos também são em concordância com a religião e as suas crenças.

Nos momentos em família as conversas são pautadas por discussões morais, os pais tentam inculcar nos filhos os valores que consideram importantes e conversam sobre as questões da atualidade fomentando a sua reflexão à luz da sua fé.

Os fins-de-semana, dias livres de escola, são preenchidos com atividades na Mesquita, com leituras de livros sobre religião e com grupos de discussão e reflexão sobre as leituras efetuadas.

Esta constante presença do Islamismo na vida das famílias e conseqüentemente dos jovens é determinante para a sua aprendizagem, não existem *folgas* da religião, este é um aspeto constante e basilar das suas vidas.

Apesar do sucesso observado na transmissão da religião muçulmana aos jovens, as famílias lamentam dois grandes obstáculos: as dificuldades dos jovens com a língua oficial do Paquistão (Urdu), na qual são escritas as obras literárias que utilizam nos seus estudos e o facto de o seu dia sagrado (sexta-feira) em Portugal ser um dia de semana normal, o que dificulta as práticas que desejariam para um dia sagrado.

Tecidas as considerações que envolvem esta investigação, conclui-se que a religião muçulmana é transmitida em contexto familiar através de práticas diárias, de elevada frequência durante o dia, que promovem não só a reflexão, mas também a incorporação da religião, das suas ideias e valores. Confirma-se assim, a hipótese que avançava que as famílias muçulmanas ensinam a sua religião através das práticas adotadas e de contextos e atividades familiares específicos.

BIBLIOGRAFIA

- Allana, Anila, Geoff Tennant, Pammla Petrucka (2017), Embedding spirituality in young children: an inter-generational challenge. *International Journal of Children's Spirituality*, 22(3-4), 239-259
- Almeida, Ana Nunes e Maria Manuel Vieira (2006), *A Escola em Portugal*, Lisboa, ICS-UL.
- Amaro, Fausto (2014), *Sociologia da Família*, Lisboa, Pactor.
- Bastos, Susana, José Bastos (2008), Family dynamics, uses of religion and interethnic relations within the Portuguese cultural ecology, *The family in question: Immigrant and ethnic minorities in multicultural Europe*, 135-164.
- Bengtson, Vern (2013), *Families and Faith: How Religion is Passed Down across Generations*, Nova Iorque: Oxford University Press.
- Costa, António Firmino (1992), *A Sociologia*, Lisboa, Difusão Cultural.
- Giddens, Anthony (2004), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guerreiro, Maria (2011), "Estruturas familiares e contextos sociais", em Luís Rebelo (coord.), *A Família em Medicina Geral e Familiar – Conceitos e Práticas*, Verlag Dashöfer Portugal, pp.11-30.
- Hill, Michael (1987), *A Sociology of Religion*, Hampshire, Avebury.
- Krauss, Steven Eric, Azimi Hamzah, Ismi Arif Ismail, Turiman Suandi, Siti Rabaah Hamzah, Dzuhailmi Dahalan, Fazilah Idris (2012), Religious socialization among Malaysian Muslim adolescents: A family structure comparison, *Review of religious research*, 54(4), 499-518.
- Kühle, Lene (2012), In The Faith Of Our Fathers? Religious Minority Socialization In Pluralistic Societies, *Nordic Journal of Applied Ethics/Etikk i praksis*, 6(2).
- Lahire, Bernard (2001), *O Homem Plural – As molas da acção*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Lahire, Bernard (2008), *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*, São Paulo, Ática.
- Leandro, Maria (2001), *Sociologia da Família nas Sociedades Contemporâneas*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Mateus, Sandra (2014), *Futuros convergentes? Processos, dinâmicas e perfis de construção das orientações escolares e profissionais de jovens descendentes de imigrantes em Portugal*, Tese de Doutoramento, Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa.
- Pinto, Jaime Nogueira (2015), *O Islão e o Ocidente – A Grande Discórdia*, Lisboa, Dom Quixote.
- Pires, Rui Pena, Cláudia Pereira, Joana Azevedo e Ana Cristina Ribeiro (2014), *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2014*, Lisboa, Observatório da Emigração e Rede Migra, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIES-IUL, e DGACCP.

Quivy, Raymond, Luc Van Campenhoudt (2013), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

Seabra, Teresa (1999), *Educação nas Famílias – etnicidade e classes sociais*, Lisboa, IIE.

FONTES

Instituto Nacional de Estatística <https://ine.pt/>

Constituição da República Portuguesa. Diário da República: I série, No 86 (1976). Disponível em <https://dre.pt/legislacao-consolidada/-/lc/34520775/view>

Declaração Universal dos Direitos do Homem. (1948). Acedido a 21/10/2018. Disponível em <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

Serviço de Estrangeiros e Fronteiras <https://www.sef.pt/pt/Pages/homepage.aspx>

ANEXO A – CARATERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS

		Nome	Idade	Escolaridade	Línguas	Profissão	Tempo em Portugal
Família A	Mãe	A'ishah	50	Ensino Superior (Biologia)	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Inglês (2ª Língua) • Português 	Dona de casa	8 anos
	Pai	Rahman	46	Ensino Superior (Missionário)	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Inglês (2ª Língua) • Português 	Missionário	
	Filhos	Fatimah	22	2º Ano da Licenciatura em Biologia	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Português (2ª Língua) • Inglês 	-	
		Siraj	16	10º ano	<ul style="list-style-type: none"> • Português (língua materna) • Inglês (2ª Língua) 	-	
Família B	Pai	Tarif	38	Ensino Superior (Professor)	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Inglês (2ª Língua) • Português 	Empregado de Mesa em Restaurante	5 anos
	Filha	Ghayda	14	8º ano	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Português (2ª Língua) • Inglês 	-	
Família C	Mãe	Azizah	43	Ensino Secundário	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Inglês (2ª Língua) • Português 	Dona de casa	10 anos
	Filha	Khalidah	17	11º ano	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Português (2ª Língua) • Inglês 	-	

		Nome	Idade	Escolaridade	Línguas	Profissão	Tempo em Portugal
Família D	Mãe	Lateefah	42	Ensino Secundário	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Inglês (2ª Língua) • Português 	Proprietária e Empregada de mercearia	11 anos
	Pai	Yasin	46	Ensino Superior (Administração)	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Inglês (2ª Língua) • Português 	Proprietário Empregado de mercearia	
	Filho	Ghalib	18	12º Ano	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Português (2ª Língua) • Inglês 	-	
Família E	Mãe	Raniyah	36	Ensino Superior (Matemática)	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Inglês (2ª Língua) • Português 	Ajudante de Cozinha em Restaurante	9 anos
	Filho	Kaliq	13	7º ano	<ul style="list-style-type: none"> • Português (língua materna) • Inglês (2ª Língua) 	-	
Família F	Mãe	Samra	45	Ensino Secundário	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Inglês (2ª Língua) • Português 	Dona de casa	11 anos
	Pai	Hizqeel	51	Ensino Secundário	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Inglês (2ª Língua) • Português 	Empregado de Mesa em Restaurante	
	Filhos	Abdul	18	12º Ano	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Inglês (2ª Língua) • Português 	-	
		Yusef	16	10º Ano	<ul style="list-style-type: none"> • Urdu (língua materna) • Inglês (2ª Língua) • Português 	-	

		Amatul	12	6º ano	<ul style="list-style-type: none">• Português (língua materna)• Inglês (2ª Língua)	-	
--	--	--------	----	--------	---	---	--

ANEXO B - GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PAIS

Apresentação	<p>Apresentação individual e institucional</p> <p>Apresentação do estudo e do procedimento ético no tratamento da entrevista</p> <p>Nome, idade, onde nasceu, nacionalidade, porque veio, está a gostar do país</p> <p>Qualificação escolar (cá ou no estrangeiro), profissão (caraterizar empresários, área e nº de empregados)</p> <p>Que línguas fala</p>
Escola	<p>Em que ano estão os filhos, como tem corrido o percurso escolar?</p> <p>Conhece a escola, costuma ir lá, quando, porquê?</p> <p>Gosta da escola, dos professores, como é o diálogo com o meio escolar?</p> <p>Além da escola que outros espaços os filhos frequentam, como são esses espaços e quem mais os frequenta?</p> <p>Sente-se, em alguma medida, diferente dos outros pais; sente-se discriminado, se sim em que é que essa discriminação o condiciona, como reage?</p>
Família	<p>Com quem vive, quantos elementos compõem a família, quem são?</p> <p>Como é o seu dia-a-dia, qual é a rotina diária semanal e ao fim-de-semana</p> <p>Que tarefas são atribuídas e esperadas de cada um, quem faz o quê lá em casa</p> <p>Quais são os hábitos e regras da casa</p> <p>Que valores gostaria que os seus filhos tivessem, que defeitos é que o preocupam</p> <p>O que é, para si, motivo de orgulho nos filhos</p> <p>Quando os filhos se portam mal, o que é que acontece, como reage</p> <p>Quando os filhos se portam bem, ou têm boas notas, como é que reage</p> <p>O que é que gosta mais na sua família, o que é que gostaria de mudar na sua família</p> <p>Que relações se estabelecem entre vocês, dão-se todos bem</p>
Islamismo	<p>Relativamente à sua religião, que coisas é que faz durante o dia?</p> <p>Faz orações, em que momentos?</p> <p>As orações são importantes de cumprir? Consegue cumprir? Como se sente quando não consegue?</p> <p>Vai à Mesquita? Todos os dias? Porquê?</p> <p>Gosta de participar neste tipo de atividades? Porquê?</p> <p>Faz orações em conjunto com a sua família, em casa?</p> <p>Que suportes utilizam em casa? (Livros, cd's, dvd's, internet, redes sociais) Gosta?</p> <p>Esses suportes são importantes? Porquê? Qual gosta mais? Qual julga ter mais impacto para a aprendizagem dos filhos?</p> <p>Que suportes/plataformas, novas formas, foram introduzidas na família pelos filhos?</p>

Islamismo	<p>Incentiva os filhos no que diz respeito à religião? Preocupa-se que eles cumpram as orações e outras recomendações?</p> <p>Mulheres: usam o véu islâmico? Em que situações, porquê?</p> <p>Homens: as mulheres devem usar o véu islâmico? Em que circunstâncias?</p> <p>No seu trabalho e/ou na rua, adota alguns comportamentos, ou não?</p> <p>Tem liberdade para fazer as suas escolhas ou rege os teus caminhos pelo que os teus pais desejaram para si, de acordo com a religião e com o que a comunidade islâmica espera de si?</p> <p>Como é que promove a aprendizagem dos seus filhos do islamismo?</p> <p>Que problemas e que desafios é que encontra na transmissão do islamismo aos seus filhos? Quem/ o que é que poderia ajudar a ultrapassar esses desafios?</p> <p>Que importância tem para si a comunidade islâmica? Julga importante pertencer-lhe? Em que é que é uma mais valia? O que é que gostaria de mudar?</p> <p>É importante para si que os seus filhos sigam a sua religião e a transmitam aos seus netos?</p> <p>**Sente-se condicionado a adotar algumas convenções religiosas, ou gere-se pelas suas vontades e pelo que considera ser certo ou não trazer inconvenientes?</p>
Religião	<p>Para si é importante ter uma religião? Porquê?</p> <p>Em que é que a sua religião influencia quem é, as suas atitudes, os seus comportamentos e as suas decisões?</p> <p>Conversava com os seus pais sobre religião e sobre fé? E com o marido/esposa?</p> <p>Conversa com os seus filhos sobre a vossa religião e sobre fé?</p>
Futuro	<p>Que sonhos tem para os seus filhos?</p> <p>Os seus filhos têm os mesmos sonhos?</p> <p>Se os seus filhos tivessem um sonho, que de alguma forma fugisse às normas da religião, de que forma o aconselharia?</p> <p>Como é que se imaginas daqui a 10 anos?</p> <p>Como é que imagina a vida dos seus filhos daqui a 10 anos? Que profissão gostaria que eles tivessem? Acha que é possível, que eles conseguem? Porquê?</p>

ANEXO C - GUIÃO DE ENTREVISTA AOS JOVENS

Apresentação	<p>Apresentação individual e institucional</p> <p>Apresentação do estudo e do procedimento ético no tratamento da entrevista</p> <p>Nome, idade, onde nasceu, nacionalidade, está a gostar do país</p>
Escola	<p>O que é o melhor da escola? E o pior?</p> <p>Quem são os teus amigos? Brincas com jovens de outras religiões?</p> <p>Além da escola, que outros espaços frequentas? Como é que são esses espaços, quem é que lá vai?</p> <p>Quem é o teu melhor amigo? E os outros colegas? Descreve... Também são muçulmanos?</p> <p>Na escola estás em que ano? Tens boas notas? Porquê?</p> <p>Sentes-te diferentes dos outros? Sentes-te discriminado? Se sim, em que é que essa discriminação te condiciona, como reages?</p>
Família	<p>Com quem vives, quantos elementos compõem a família, quem são?</p> <p>Que relações estabelecem entre vocês? Dão-se todos bem?</p> <p>O que é que gostas mais na tua família? E o que é que gostas menos?</p> <p>Que tarefas são atribuídas e esperadas de cada um, quem faz o quê lá em casa?</p> <p>Quais são os hábitos e as regras que tens?</p> <p>Quando te portas mal, o que é que acontece? Como é que os teus pais reagem?</p> <p>Quando te portas bem, ou tens boas notas, como é que os teus pais reagem?</p> <p>Como é que é o teu dia-a-dia? Descreve a tua rotina diária. E aos fins-de-semana o que é que costumavas fazer e com quem?</p>
Islamismo	<p>Relativamente à tua religião, que coisas é que tu fazes durante o dia?</p> <p>Fazes orações? Em que momentos do dia?</p> <p>Para ti, as orações são importantes de cumprir? Consegues cumprir? Como é que te sentes quando não consegues?</p> <p>Vais à Mesquita? Quando? Para quê?</p> <p>Gostas de participar neste tipo de atividades? Porquê?</p> <p>Fazes orações em conjunto com a tua família, em casa?</p> <p>Que suportes utilizas em casa? (Livros, cd's, dvd's, internet, redes sociais) Gostas?</p> <p>Esses suportes são importantes? Porquê? Qual gostas mais?</p> <p>Meninas: Usas o véu islâmico? Em que ocasiões? Porquê?</p> <p>Meninos: Na tua opinião as meninas devem usar o véu islâmico? Porquê?</p> <p>Na escola e na rua, adotas alguns comportamentos, ou não? (Se comem carne de porco, se falam com outras pessoas, se namoram com pessoas de outra religião)</p> <p>Sentes-te condicionado a adotar algumas convenções religiosas, ou geres-te pelas tuas vontades e pelo que consideras ser certo ou não trazer inconvenientes?</p>

Islamismo	<p>Tens liberdade para fazer as tuas escolhas ou reges os teus caminhos pelo que os teus pais desejam para ti, de acordo com a religião e com o que a comunidade islâmica espera de ti?</p> <p>O que é que os muçulmanos fazem de diferente?</p> <p>Que importância tem para ti a comunidade islâmica? Julgas importante pertencer-lhe? Em que é que é uma mais valia? O que é que gostarias de mudar? Tens lá muitos amigos?</p>
Religião	<p>Para ti é importante ter uma religião? Porquê?</p> <p>Em que é que a tua religião influencia quem tu és, as tuas atitudes, os teus comportamentos e as tuas decisões?</p> <p>Conversas com os teus pais/irmãos/avós sobre a vossa religião e sobre fé?</p>
Futuro	<p>Até quando é que queres estudar? Achas que é possível?</p> <p>Como é que te imaginas daqui a 10 anos?</p> <p>Que profissão gostarias de ter? Achas que consegues? Porquê?</p> <p>É importante para ti que os teus filhos sigam a tua religião?</p> <p>Aspirações e expectativas</p> <p>Relação escola/estudos com profissão futura</p>